



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

SANDRA MARIA TAVARES MATOS

EMPODERAMENTO PELA ESCRITA:

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO ROMANCE *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

**Araguaína (TO)
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

SANDRA MARIA TAVARES MATOS

**EMPODERAMENTO PELA ESCRITA:
ANÁLISE SEMIÓTICA DO ROMANCE *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* de Araguaia, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Araguaína (TO)

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M433e Matos, Sandra Maria Tavares.
Empoderamento pela escrita: análise semiótica do romance Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus . / Sandra Maria Tavares Matos. – Araguaína, TO, 2018.
55 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2018.
Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva
1. Empoderamento feminino. 2. Literatura feminina. 3. Escrita como resistência. 4. Enunciação. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SANDRA MARIA TAVARES MATOS

**EMPODERAMENTO PELA ESCRITA:
ANÁLISE SEMIÓTICA DO ROMANCE *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* de Araguaia, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Araguaína, 12 de novembro de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva - Orientadora, UFT

Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz – Examinador, UFT

Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho – Examinadora, UFT

*A minha mãe, Francisca Alves de Morais, e
minha irmã, Maria de Nazaré Tavares de Morais,
duas grandes mulheres na minha vida e que
seguem ao meu lado, me ensinando coragem.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me concedeu vida e saúde para chegar ao fim desta jornada e realizar este sonho. Seria mais fácil desistir, mas escolhi seguir em frente, sem medo de errar, buscando nos erros argumentos de possíveis acertos. Confesso que não foi fácil, porém, gratificante.

Agradeço a todos os meus professores que me inspiraram e incentivaram a superar dificuldades e limitações que me tornaram comprometida com alguém antes esquecida: “eu”

Agradeço, em especial, a minha orientadora, professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, pela oportunidade única de ser sua orientanda e por não desistir de mim, auxiliando-me em tudo que foi possível e que abraçou com muita generosidade minha causa me ajudando a desenvolver esta pesquisa. Suas orientações foram preciosas. Obrigada pela paciência e compreensão nos meus momentos difíceis e pelas palavras de encorajamento para concluir o curso. Você provou que não basta ser professor, mas também ser amiga. Esse ensinamento levarei pro resto da minha vida e prometo honrar essa parceria e amizade que a vida me proporcionou.

Agradeço a UFT (Universidade Federal do Tocantins), campus de Araguaína, por me oferecer ferramentas que me auxiliaram a subir degraus ao longo do curso de Letras, me ofereceu suporte para os desafios, as regras necessárias e que me ajudaram a criar oportunidade e expectativa, agregando a cada dia qualidade, que aperfeiçoaram o que tanto almejei: ser uma profissional que vai fazer a diferença na educação.

Agradeço aos meus familiares, que acreditaram em meu potencial e me reergueram com palavras e inspiração, que me tiraram do fundo do poço para lutar pelos meus ideais!

Em especial, agradeço a minha irmã Luzia Tavares de Moraes que sempre esteve ao meu lado, me ajudando nas horas mais difíceis. Nos momentos de vulnerabilidade, ela provou com gestos e atitudes o valor de uma irmã. Maninha, obrigada por você existir e por poder fazer parte de sua vida.

Agradeço ao meu pai, Raimundo Tavares de Moraes, que não desistiu de mim enquanto muitos acharam que um simples, porém complexo problema de saúde, que para muitos era uma causa perdida, iria derrubar uma sobrevivente como eu que, desde o ventre de minha mãe Francisca Alves de Moais, já tinha os genes da resistência. Infelizmente, eu a perdi quando criança para um câncer. Diante de tudo, não poderia me permitir desistir. Desde o leito em que, aos 6 anos muitos me olhavam com ar de despedida, Deus cuidava de mim.

Obrigada, meu pai, por buscar recursos na fé para encontrar uma solução. Hoje o senhor sabe que sua luta por minha sobrevivência não foi em vão. Poder comemorar com o senhor essa vitória é o jeito mais singelo que encontrei para dizer obrigada por tudo. É o motivo também de poder te dizer que meu amor pelo senhor é imensurável.

Agradeço aos meus filhos, esposo, irmãos, cunhada, sobrinhos. Agradeço a cada um de vocês que contribuíram com palavras de carinho e incentivo. Vocês foram importantes durante este caminhar.

Agradeço a minha filha, Priscila Mikaeli Tavares Matos, que me incentivou a retomar os estudos me inscreveu no vestibular, me ajudando nos trabalhos da faculdade, contribuindo para superar os desafios que não foram poucos durante o trajeto acadêmico. Foi também minha parceira em sala de aula em algumas disciplinas do curso. Queria te agradecer, filha, pelos momentos de experiência foi muito prazeroso estar sentada ao seu lado compartilhando conhecimento. Nossos momentos de graduação foram incríveis, você me mostrou que é o empoderamento compartilhado reflete em um seguimento de sucesso. Com você a força, a resistência fez-se presente a cada olhar de cansaço de uma dura rotina após uma noite de trabalho. Você ainda é uma garota, mas que, desde muito cedo já demonstrava a garra e ideais pelo conhecimento, tornando-se e buscando sempre novas oportunidades de libertação. Você faz parte da geração de mulheres perigosas que se preocupam em aprender a ensinar o que se dedicou a aprender, è aprende com quem se dedica a ensinar. Filha eu te amo!

Agradeço o meu filho Pedro Mickael Tavares Matos, que me auxiliou no letramento digital. É que mesmo cansado, por estudar em período integral. Não media esforços para permanecer por mais tempo acordado para receber minhas mensagens todos os dias, avisando que já era hora de ir para casa. Filho seu cuidado e carinho para comigo não tem preço, sua paciência me deu folego para continuar e ter certeza de que eu estava no caminho certo quando o mais fácil era desistir fui até as últimas consequências para que, você e sua irmã tivessem em mim uma referência. Eu faria este percurso novamente para mostrar que a educação é uma das oportunidades que temos para mudar nossa história. Espero ter deixado esse legado a você meu filho que tanto amo.

Agradeço ao meu esposo, Manoel Pedro Tavares Matos, pela paciência mediante a minha ausência em busca dos meus ideais. É pelas caronas em nosso transporte simples, mas que é motivo de orgulho porque tudo que conquistamos foram esforço de uma construção digna. Em uma bicicleta quantas aventuras durante esses 4 anos, fomos capazes de presenciar na volta para casa. Foram momentos só nosso que guardo na lembrança. Houveram dias em que

tínhamos motivos para ir para casa sorrindo, outros chorando, mas que nos fizeram crescer com uma cumplicidade firme e inabalável. As memórias de um homem que mesmo cansado ia ao meu encontro todos os dias na porta da faculdade não saíram de minhas lembranças, sem você esse sonho não seria possível.

Foram os momentos difíceis que me fizeram ser a mulher que hoje sou. Preparada para seguir em frente não importa os obstáculos sempre terá um jeito de resolvê-los-á resistência é um processo que faz parte do meu cotidiano.

RESUMO

Esta monografia analisa o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. A obra, escrita em primeira pessoa, reflete a sobrevivência da narradora na favela Canindé, na capital São Paulo, na década de 1960, onde passou por extrema pobreza e privações. É nesse contexto que emerge a urgência da escrita literária, registrando em cadernos suas anotações em formato de diário. Nessa escritura, revela seu dia-a-dia como catadora de lixo e sua resistência em meio à fome, à violência, ao vício, às dificuldades no cuidado dos filhos. Nosso objetivo central foi analisar o modo como o romance tematiza a condição social da mulher negra, o (não) reconhecimento de Carolina como escritora, e o lugar que a literatura tem para a própria. Para isso, consideramos o modo como tematiza sua relação com os livros, na condição de leitora, e a urgência da escrita como modo de sobrevivência, constituindo-se no lugar da produção, na condição. Carolina privilegia a escrita como possibilidade de existência e resistência e lugar de empoderamento feminino. Como fundamentação teórica, foram mobilizados estudos que tratam da questão social da mulher negra (MIRANDA, 2011; PEREIRA, 2013; WERNECK, 2010; TOKITA, 2013), o letramento racial (ALMEIDA, 2017), a enunciação (BENVENISTE, 1989; FIORIN, 2017). A partir da discussão que envolve as questões raciais, de gênero e classe, mobilizaremos categorias da semiótica discursiva para análise do romance, privilegiando o que a teoria define como semântica discursiva (FIORIN, 2017). Nesse sentido, interessa-nos observar o modo como se enuncia como autora.

Palavras-chave: empoderamento feminino; literatura feminina; escrita como resistência; Carolina Maria de Jesus; enunciação.

ABSTRACT

This monograph analyzes the book *Quarto de despejo: diary of a favelada*, by Carolina Maria de Jesus. The work, written in the first person, reflects the narrator's survival in the Canindé favela in the capital São Paulo in the 1960s, where she suffered extreme poverty and deprivation. It is in this context that the urgency of literary writing emerges, recording in notebook its notes in a diary format. In this writing, she reveals her daily life as a garbage collector and her resistance in the midst of hunger, violence, addiction, and difficulties in caring for her children. Our central objective was to analyze how the novel thematizes the social condition of the black woman, the (non) recognition of Carolina as a writer, and the place that literature has for itself. In order to do so, we consider the way in which he thematizes his relationship with books, as a reader, and the urgency of writing as a way of survival, constituting himself in the place of production, in the condition. Carolina privileges writing as a possibility of existence and resistance and place of feminine empowerment. As a theoretical basis, studies were carried out that deal with the social issue of black women (Mirela, 2011, Pereira, 2013, Werneck, 2010, Tokita, 2013), racial literacy (Almeida, 2017), enunciation (BENVENISTE, 1989; FIORIN , 2017). From the discussion that involves the questions of race, gender and class, we will mobilize categories of discursive semiotics for the analysis of the novel, privileging what the theory defines as discursive semantics (FIORIN, 2017). In this sense, we are interested in observing the way in which it is enunciated as author. Keywords: female empowerment; female literature; written as resistance; Carolina Maria de Jesus; enunciation.

Keywords: female empowerment; female literature; Carolina Maria de Jesus; enunciation.

É que tem mais chãõ nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

Cora Coralina

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 SER ESCRITORA, SER MÃE, SER NEGRA, SER POBRE..... | 16 |
| 2.1 Ser mulher e resistir na escritura..... | 19 |
| 3 O RECONHECIMENTO DE CAROLINA DE JESUS COMO ESCRITORA. | 27 |
| 4 ESCREVER PARA SI E PARA O OUTRO..... | 35 |
| 4.1 As marcas da subjetividade..... | 37 |
| 4.2 Escritora porque também lê..... | 40 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 51 |

1 INTRODUÇÃO

É triste a condição do pobre na terra.

*Conhece a Maria Rosa?
Ela pense que acalma
Ficou muito vaidosa, saiu seu retrato no jornal
Carolina Maria de Jesus*

Esta monografia de pesquisa, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português, da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Araguaína, na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, tem como finalidade discutir e analisar a produção literária de uma escritora negra brasileira, mais especificamente, iremos focar nossa atenção no livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus. A eleição dessa temática se deve a necessidade de discutir a pouca presença feminina na literatura brasileira, mas principalmente no que diz respeito a autoras negras e pobres, como é o caso de Carolina Maria de Jesus. Pensamos, nesse sentido, na perspectiva do empoderamento feminino aí implicado, seus dilemas e contradições.

O empoderamento feminino tem raízes históricas, é mais antigo do que muitos pensam e não se trata apenas do envolvimento de uma pessoa ou organização. Empoderar a mulher significava fortalecê-la e desenvolver a igualdade de gênero nos âmbitos onde ela é minoria. O caminho do empoderamento feminino começa em 1911, com a criação do Dia Internacional da Mulher, em decorrência de um incêndio que matou mais de cem operárias em Nova York. Em 1932, as mulheres conquistaram direito de voto opcional no Brasil e, em 1946, ele se tornou obrigatório, tal como os dos homens. Desde então, elas têm enfrentado um caminho árduo. Sob a perspectiva da mulher no trabalho, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou uma cartilha que traduz os Princípios de Empoderamento das Mulheres (ONU, 2017).

Segundo o dicionário informal, digital, empoderamento significa “conceder ou conseguir poder; obter mais poder; torna-se ainda mais poderoso”. A palavra vem do inglês “empowerment” que pode ser traduzido como “fortalecimento”. No Brasil, Paulo Freire foi o primeiro a traduzir o termo para o português e, para ele, empoderamento é a “capacidade do indivíduo realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer”¹.

¹ Citado em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/empoderamento/13197/>. Acesso em 6 mar. 2018.

Um dos principais argumentos dos mais conservadores, que ainda defendem a discriminação das mulheres, é que elas são biologicamente diferentes dos homens e não possuem a mesma habilidade que eles. Se, por um lado, as diferenças biológicas são inegáveis, por outro, os reflexos disso em termos de habilidades e competências é altamente questionável.

Carolina relata em seu diário sua experiência na favela de Canindé, em São Paulo. A autora não apenas descreve a vida na favela, como também é protagonista de sua narrativa e, portanto, uma voz que se permite falar de sua própria realidade. Sua obra tornou-se referência para gerações de mulheres de vários países e foi traduzido em diversas línguas. Destacamos ainda a própria influência que exercia junto às mulheres de sua comunidade, instruindo-as a também fazerem uso da palavra, como forma de luta e transformação.

A desigualdade social foi um dos fatores que levaram a autora a escrever. Sua produção se inicia em 15 de junho de 1955, dia do aniversário de sua filha Verá Eunice, e finaliza-se em 01 de janeiro de 1960, registrando-se uma interrupção por três anos (1955 a 1958). Para seus registros, vale-se de cadernos encontrados no lixo, uma vez que a pobreza extrema fazia com que todos os recursos conquistados como catadora de sucata e papelão fossem destinados à alimentação.

A escolha da obra de Carolina Maria de Jesus para este trabalho se deve pelo que ela representa para as classes populares em relação ao acesso à literatura na condição de autora. Na época de seu lançamento, seu trabalho alcançou uma projeção muito grande. Embora tenha feito bastante sucesso, não é atualmente tão conhecida pelos estudantes de literatura. Por que a escrita de Carolina Maria de Jesus permanece esquecida das novas gerações? Por que a presença de autoras é rara nos estudos de literatura no país? Para Werneck,

As mulheres negras falando de outra forma são sujeitos identitários, são resultados de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas histórica, políticas, cultural, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela denominação ocidental “eurocêntrica” ao longo dos séculos de escravidão. Expropriação colonial e da modernidade radicalizada e racista em que vivemos (WERNECK, 2010, p. 10)

Além da condição econômica, vários fatores se tornaram grandes desafios para Carolina. A literatura foi um meio de trazer ao público as reais condições na qual se encontravam os menos favorecidos e, seus objetivos de publicação foram alcançados e o reconhecimento, mudou sua condição social.

Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras brasileira, além de

cantora e compositora. Seu livro se resume em mais de vinte cadernos em forma de diário, romance e poema. Será que o preconceito linguístico foi um dos fatores para o esquecimento de sua literatura, tendo em vista que registra uma variedade linguística que se afasta da norma padrão? As implicações que fazem parte de uma estatística de mulheres negras vencedoras como Carolina que se utilizam da literatura mesmo com preconceitos linguísticos e erros de oralidades serão estudos da pesquisa. De acordo com Bagno,

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais, que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico que dirá sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. (BAGNO, 2009, p. 23-24)

Problema inviabilizado, silenciado, corrobora para dar sustentação aos preconceitos também de classe econômica: rejeitando um modo de usar a linguagem, rejeita-se também quem o utiliza.

Nosso objetivo é analisar, sob a perspectiva dos estudos literários e da semiótica discursiva *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Para isso, elegemos como central a investigação a respeito do modo como o romance tematiza a negritude e a posição social da mulher negra, considerando a literatura como elemento para seu empoderamento.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma análise literária, para isso mobilizando estudos relativos a problemas raciais no Brasil, sobretudo envolvendo a mulher negra e escritoras negras (MIRANDA, 2011; PEREIRA, 2013; WERNECK, 2010; TOKITA, 2013) e o letramento racial (ALMEIDA, 2017). A partir da discussão relativa a questões raciais, de gênero e classe, mobilizaremos categorias da semiótica discursiva para análise do romance, privilegiando o que a teoria define como semântica discursiva (FIORIN, 2008). Nesse sentido, interessa-nos observar o modo como a vida da mulher na favela é figurativizada e os valores ideológicos que são assumidos pelo enunciador (FIORIN, 1990).

A semiótica constitui-se como uma teoria da significação, que se volta para a análise dos mecanismos de funcionamento dos textos e seus efeitos de sentido. Concebe que a significação é produzida a partir de um percurso gerativo de sentido, que prevê níveis crescentes de abstração, indo do nível discursivo, mais concreto e complexo, ao nível fundamental, mais simples e abstrato. No nosso caso, optamos pelo nível mais concreto, visando observar como as imagens que o enunciador projeta em um diário traduzem uma percepção sobre o real.

Além disso, contribuem pesquisas que tratam da vida e da produção de Carolina Maria de Jesus, como os trabalhos de Duarte (2016) e Miranda (2011).

O trabalho está organizando três capítulos. No primeiro, intitulado *Ser escritora, ser mãe, ser negra, ser pobre*, apresentamos dados da biográficos de Carolina Maria de Jesus e analisamos as condições de produção de seus diários. No segundo capítulo, *O lugar de Carolina de Jesus na literatura*, tratamos seu reconhecimento social enquanto escritora e as formas como registra sua consciência como autora. No terceiro e último, *O lugar da literatura para Carolina*, analisamos o modo como tematiza a urgência da literatura na sua vida, colaborando como forma de existência e resistência.

2 SER ESCRITORA, SER MÃE, SER NEGRA, SER POBRE

Na literatura, é muito comum identificarmos histórias fictícias que foram inspiradas por contextos históricos ou na inspiração dos autores, mas neste trabalho veremos que, apesar de remeter diretamente a um contexto histórico, trata-se de uma narrativa de cunho autobiográfico, assinada por Carolina Maria de Jesus, que denuncia como lhe foram os negados uma série de direitos humanos, que implicam aspectos econômicos, sociais e culturais que a fizeram tornar-se uma catadora de lixo, mas que ao mesmo tempo a impulsionaram a escrever e tornar-se autora.

Nascida em 14 de março de 1914, em Sacramento (MG), local que passou sua infância e adolescência, era neta de escravos e filha de pais humildes. Tendo a oportunidade de estudar apenas dois anos em escola espírita, sua competência para a escrita é decorrente desse pouco tempo de escolaridade, mas também das muitas leituras dos clássicos que encontrava no lixo. Carolina se tornou uma autodidata que vem nos mostrar as inúmeras formas que lhe tornaram uma mulher forte, que sabia aonde queria chegar.

A favela onde residia quando seus diários foram descobertos por um jornalista nascia e se expandia às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, na grande São Paulo. Lá chegando, Carolina Maria de Jesus foi obrigada a tirar do lixo o seu sustento diário como faziam e ainda fazem centenas de favelados no país.

[...] nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerada marginal. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 1963, p.45)

Negra, pobre e com baixa escolaridade, Carolina foi alvo de muita discriminação. Devido ao seu espírito ousado e autônomo, deixou sua cidade natal ainda jovem. Essa saída de pessoas de sua cidade natal parece perpetuar velhas regras sociais vigentes desde o Brasil do final do século XIX, quando os negros se puseram a caminho de uma vida nova, recém conquistada a libertação. Essa prática resulta de configurações sociais e econômicas que, em sociedades pós-coloniais como a nossa, tem como principal fator um legado histórico de exclusão. Carolina foi sendo empurrada para a periferia pelo desrespeito aos negros no início do século e pela pobreza, como traduz em seus diários: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1963, p. 28).

Mesmo tendo que viver constantemente em alerta e combate e refletindo sobre a leitura de seu mundo em guerra, Carolina nos revela que os problemas diários não exauriam

sua alma. Sendo vítima de violência, fome, descaso, abandono social e solidão, constrói-se como uma personagem para quem a sobrevivência era questão de honra. Com todo um percurso turbulento e condições desagradáveis na vida na favela onde morava, entregava-se a leituras para não deixar cair a autoestima e poder reconstruir a si mesma.

Michèle Petit, em *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, diz-nos que:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros. (PETIT, 2011, p. 266)

No ano de 1958, o jornalista Audálio Dantas, nos seus primeiros anos de reportagem, conhece Carolina Maria de Jesus. Na época, foi incumbido de fazer uma reportagem sobre as más condições de vida nas favelas de São Paulo e chegou à favela do Canindé. Na apresentação do livro de Carolina, assim descreve a precária moradia da autora:

O barraco é assim: de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, “não muito cômodos”. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito for [sic], e um quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinho, lá dentro... Tem muitas coisas dentro dele, que a luz da janelinha, deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebentando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; fogareiro de lata, lata de água, lata de fazer café e lata de cozinhar; tem também guarda-comida, escuro de fumaça e cheio de livros velhos e mais duas camas, uma na sala-quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado... Isto é o barraco dentro. O barraco fora é como todos os barracos de todas as favelas. Feio como dentro. (DANTAS in JESUS, 1963, s/p).

Carolina Maria de Jesus aproveitou a reportagem de Audálio Dantas e lhe mostrou os diversos cadernos encontrados no lixo e que aproveitava registrar suas impressões no cotidiano da favela da qual ela fazia parte. O que Dantas então descobre é que a literatura de Carolina era porta-voz de um Brasil ignorado pelo poder público. A vida estava contida ali naqueles 20 cadernos escritos por Carolina Maria de Jesus e que “toda compreensão de paradigmas com ricos detalhes estava ali ante aos seus olhos” (DANTAS, 1963, s/p). Como jornalista, assumia que jamais poderia escrever tão bem como Carolina Maria de Jesus, moradora do local. Os cadernos se transformarão no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, uma denúncia dos anos 50 e 60, mas infelizmente de temática ainda atual tendo em vista que muitas coisas não mudaram.

Na década de 50, Elza Berquò, ao analisar os arranjos familiares no Brasil sob o prisma demográfico afirma que o comportamento dos brasileiros muda em alguns aspectos, em se tratando em diversos aspectos. Os números de separação e divórcio aumentam e a união não legalizada também. A partir dos anos 60, o número de famílias também aumenta e mulheres que passam a ser provedoras do lar se destacam. Nesse sentido:

A chefia feminina é outra característica associada a esse tipo de arranjo familiar. (...) percebe-se que a grande maioria das monoparentais vem de há muito, isto é, a partir dos estudos de 1970, sendo chefiada por mulheres. O aumento do número de separações e divórcios, com menor chance de (re) casamento para as mulheres, a sobre mortalidade masculina, produzindo mais viúvas que viúvos, e os emergentes estilos de vida – novas formas de união se coabitação ou prole sem casamento – são os principais determinantes de tal situação. (BERQUÓ, 1998, p. 429)

Foi na favela que Carolina achou argumentos para sua literatura nua e crua. Ali, naquele lugar triste e esquecido pela sociedade, Carolina se viu encurralada e trabalhou duramente para criar, sem a presença de um companheiro, seus três 3 filhos, transformando-se em mulher empoderada, *catadora de histórias* que a fizeram ser criativa para escrever. Assim, o que era lixo, se transformou em luxo, em arte, em literatura, a ser consumido(a) em todo o país e em diversas línguas. A favela do Canindé era ocupada por pessoas tão quais iguais as condições de nossa escritora, pobres que, tem como legado os piores indicadores de qualidade de vida concentrados neste grupo particular, o que resulta em uma mobilidade que não cessa em meio a veracidade da narrativa nossa autora sonha em dias melhores.

Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) é preciso criar esse ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1960, p. 60)

A literatura é, portanto, o que torna possível a vida na favela, na medida em que possibilitar vivenciar outras realidades, pela fantasia.

2.1 Ser mulher e resistir na escritura

Carolina torna-se sujeito da literatura quando assume o protagonismo de sua própria história. As narrativas em seu diário começam apontando as dificuldades que uma mãe desprovida de recursos financeiros se vê obrigada a enfrentar, para suprir as necessidades de sua filha, Vera Eunice, que precisa de um sapato. Carolina faz vir à tona o grito de uma mulher aflita, escravizada pelo silêncio. Ela que surge à margem da favela, trazendo uma ação de escrita com o objetivo de quebrar barreiras

da desigualdade social e da afro-brasilidade do anonimato sombrio e desenhado por ela como sujo e fedido da favela.

15 de julho de 1955, aniversário de minha filha vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 1963, p. 09)

Em seu primeiro relato, aparece a luta entre o desejo de presentear a filha e a urgência de comprar alimentos. Diante do impasse, ela se vê como “escrava” dos custos de vida e a saída é encontrada no próprio lixo, tornando possível presentear a filha com um sapato rasgado que ela limpa e remenda.

Narrando as mazelas da vida e grandes privações, Carolina Maria de Jesus revelou em suas escritas o testemunho de uma desprivilegiada: mãe, pobre, negra, favelada e mulher. E foi esse para muitos tão desconhecido cenário, o da “favela”, que se fez palco de sua narrativa diária. Segundo seus relatos, os três filhos de Carolina eram o bem mais precioso que ela tinha. Assim, após um dia exaltante de trabalho, ela fazia questão de cuidar deles:

Abluí as crianças, aleitei elas e me abluí e me aleitei. Esperei até as onze horas, certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e me deitei novamente. Quando despertei o astro-rei deslizava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: – “Vai buscar água, mamãe!” (JESUS, 1963, p. 07)

A cena se repete nos cuidados diários. Na passagem acima, vemos a oposição entre o relato trivial da vida familiar entrecortado por uma expressão de natureza mais poética: “o astro-rei deslizava no espaço”. Essa intromissão poética já pode anunciar as pretensões literárias da autora. Não se tratava apenas de registrar o cotidiano, mas de mobilizar a linguagem também como expressão artística como se antecipasse seus leitores. Ao mesmo tempo, revela conhecimento de Carolina da linguagem literária, na qualidade de leitora. Assim, em vez de pensar no sol que chama para a realidade do dia, prefere escrever “astro-rei” e insinuar poesia.

Na passagem, ainda, Carolina insinua uma presença/ausência amorosa. O nome de Manoel só aparecerá mais adiante. Aqui, o emprego do pronome pessoal “ele” serve para evidenciar o caráter de interdição da relação amorosa. Por isso, ele se faz ao mesmo tempo presença e ausência na vida de Carolina.

Ainda se encontram muitas Carolinas vivendo em situações de extrema pobreza e privações, nas pequenas e grandes cidades do Brasil. As narrativas rememoram um momento

em que a pílula anticoncepcional não era um método popular no Brasil e apenas a classe média e alta praticava com frequência o controle da natalidade. Carolina não fazia parte desse grupo com privilégio de escolher se queria ou não ter filhos, assim como as demais mulheres que viviam em sua comunidade da favela. É que por falta de conhecimento e submissão aos maridos que muitas são levadas ao desespero como na passagem em que Carolina narra o caso da vizinha Leila que, ao brigar com o marido, dizia querer jogar sua filha recém-nascida no rio Tietê. Nesse momento, a criança, que tinha dois meses de vida, segundo Carolina, acaba caindo no chão. Carla Bassaneze (1997), ao analisar o papel das mulheres dos anos 50 no Brasil afirma que, nos chamados “anos dourados” a ideologia vigente para as mulheres pregava a maternidade, o casamento e a dedicação ao lar:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. (BASSANEZE, 1997, p. 608-609)

No dia 11 de maio de 1958, dia das mães, Carolina se sente sozinha e impotente por não possibilitar, conforto aos seus filhos, sempre ressaltando a falta de uma boa alimentação, moradia e roupas. Também nesse dia, encontra na escrita consolo:

Dia das mães. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos dos seus filhos. ... O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia. [...]... Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no frigorífico. Comemos a carne fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome não são exigentes no paladar. (JESUS, 1963, p. 25)

O céu está bonito para o dia das mães, como se a natureza as homenageasse. Mas Carolina lamenta a miséria. Para si não quer nada, apenas para os filhos, enganados pela fome.

Em algumas passagens do diário, Carolina se revolta por estar em situação tão desprivilegiada e por ter que criar os filhos sozinha. Deixa escapar o quanto é difícil a vida, como ter que carregar para o trabalho a pesada filha Vera Eunice, que às vezes tinha que levar nas costas por não ter com quem deixar. Logo, porém, se arrepende e diz que a menina não tem culpa:

tem hora que me revolto. Depois me domino. Ela não tem culpa de estar no mundo. Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não têm ninguém no mundo a

não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (JESUS, 1963, p. 16)

Carolina era catadora de tudo que encontrava, mas segundo ela só não “catava felicidade”. Não podia contar com ninguém, pois era ela que garantia comida em casa. Se seus filhos ficassem doentes, ela deveria continuar com a rotina de sair para trabalhar. Essa situação de deixar os filhos sem o devido cuidado em casa a deixava nervosa.

Eu estava tão nervosa! Acho que se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida. Eu pensava nas roupas por lavar. Na Vera. E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele. Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho não conhece pai (JESUS, 1963, p. 59)

Carolina não revela o nome do pai de Vera Eunice, em seu diário, e ele agradece essa omissão, conforme revela a autora. Ao mesmo tempo, ela se sente importante por cuidar sozinha dos filhos e ainda é solidária com o pouco que tem. Segue sozinha sem a ajuda de ninguém, pois para ela o que mais importava em seu contexto familiar era ser mãe e pai que supre da forma como pode o sustento de seus três filhos, como expressa com orgulho na passagem a seguir:

Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fica sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. Lavei as roupas e o barracão. Agora vou ler e escrever. Vejo os jovens jogando bola. E eles correm pelo campo demonstrando energia. Penso: se eles tomassem leite puro e comessem carne [...]. (JESUS, 1963, p.40)

Carolina diz que as mulheres da favela implicam (*impricam*) com ela porque não é casada e expressa o motivo:

Elas aludem que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite quando elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas. (JESUS, 1963, p. 11, grifo nosso).

Para ela, o fato de ser solteira, ainda que representasse enormes desafios para manutenção da família, era ainda melhor do que a rotina das vizinhas, que apanhavam como “tambor” dos maridos. Além disso, mesmo com parceiros, estas não eram sustentadas pelos

esposos, tendo que mendigar ou depender do assistencialismo: “os meus filhos não são sustentados com pão de igreja”. Essa mulher que ouve valsas vienenses enquanto as vizinhas apanham têm orgulho de seu status, ou é pelo menos isso que exalta em seu texto, diante da solidão.

Carolina não se conformava com sua vida na favela e desenvolvia uma relação hostil com o lugar e com os vizinhos:

[...] Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o dor dos excrementos que mescla com o barro podre. (JESUS, 1963, p.29)

– Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno. [...] Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: – Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam (JESUS, 1963, p.20). (JESUS, 1963, p.40)

A realidade de miséria, o comportamento degradante dos vizinhos, inclusive das crianças, tudo a oprime:

No início são iducado, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que se transformam em chumbo. [...] Cheguei à favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. (JESUS, 1963, p.39)

Em sua narrativa, Carolina descreve a chegada de novos moradores que também foram vítimas da sociedade. Ao mesmo tempo que mostra a dificuldade de relacionamento com os vizinhos, a falta de solidariedade, a rejeição que sofre por parte de sua comunidade por mostrar-se mais intelectualizada e, por isso, arrogante, registra em seu diário o olhar de compaixão pelos que como ela foram expulsos da sociedade. Essa passagem do diário nos lembra o documentário *Jardim das Flores*².

Chegam novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seus frágeis biquinhos. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (JESUS, 1963, p.42)

A favela ali descrita determina interdições numa espécie de condenação: não se pode plantar uma flor. Não há solo, só “lama podre”. A favela era o esgoto de São Paulo. Lá estavam todas as coisas/pessoas rejeitadas como inúteis para a cidade, como dejetos, excrementos, como uma enorme fossa.

² Documentário de Jorge Furtado, lançado em 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=KAZhAXjUG28>. Acesso em 11 set. 2018.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê [...]. (JESUS, 1963, p.31)

Até no sonho não consegue realizar o desejo de comer. No sonho, a casa é ideal, há fartura de comida, mesmo com uma combinação inusitada de alimentos, limpeza, alvura, tudo aquilo que falta em sua vida. *Quarto de Despejo* surge como uma metáfora para a desigualdade que estabelece seu papel e sua posição nessa história. Nele, Carolina aponta que, enquanto o centro da cidade é a sala de visitas, a favela é o quarto onde se joga o indesejável, o entulho, tudo aquilo que se quer esconder.

Fig. 1: Carolina Maria de Jesus, na Favela do Canindé, SP.



Foto de Audálio Dantas, 1958.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1550502-autora-carolina-maria-de-jesus-e-celebrada-em-feiras-e-relançamentos.shtml>. Acesso em 11 set. 2018.

Quarto de Despejo inspirou diversas expressões artísticas, teatro, filmes, sambas, onde ela compunha e catava. No filme produzido na Alemanha e nunca passado no Brasil com o título “Despertar de um Sonho”, Carolina Maria de Jesus foi protagonista.

A cada entrada no diário, a autora anota o horário em que, acorda, os gastos que terá se quiser se alimentar e vestir os filhos e o que poderá, ou não, acumular em dinheiro, o qual tem valor concreto e imediato, como um *objeto valor*. Demonstrava letramento matemático, quando contabilizava a venda dos produtos que encontrava no lixo. A soma da quantidade

arrecada por ela era o valor que representava o que caberia em sua panela naquele dia. Os momentos de lirismo aparecem em anotações sobre a natureza, que surge como contraponto ao estado da miserabilidade a que são confinados os pobres.

Ser negra num mundo dominado por brancos, ser mulher num espaço regido por homens, não conseguir fixar-se como pessoa de posses num território em que administrar o dinheiro é mais difícil do que ganhá-lo, publicar livros num ambiente intelectual de modelo refinado, tudo isto reunido fez da experiência de Carolina um turbilhão. (MEIHY e LEVINE, 1994, p. 63)

Por ser muito guerreira, despertou interesse de políticos da época, tanto de direita como de esquerda, mas, por não agradar a elite, caiu no ostracismo, vivendo de forma humilde até o fim de sua vida. Morreu em 13 de fevereiro de 1977, com 62 anos, vítima de asma, deixando três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice.

Carolina também escreveu outras obras, mas nenhuma obteve tanto sucesso como *Quarto de despejo*, talvez porque para elite era mais interessante ler a produção de uma favelada que sabia o seu lugar do que uma favelada que furou o bloqueio do anonimato e se instalou próximo a eles, como escritora, posição restrita aos membros das classes superiores. Carolina escreveu a realidade e deixou seu recado de revolta e descontentamento diante a uma sociedade que acha que o outro é um objeto descartável.

(...) A trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta cotidiana de uma mulher” de cor”, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. Logicamente, isto não remete apenas a ela enquanto indivíduo, mas também a todo o sistema que abriga os despossuídos legados ao anonimato. (...) rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. Sequer foi de causas coletivas. Houve momento em que, ainda que de maneira contraditória e estranha, ela cabia em todas as frentes e, ao mesmo tempo, não servia por longo período a nenhuma. Por isso é provável que tenha sido deixada por todos. (MEIHY e LEVINE, 1994, p. 19).

Quarto de despejo foi traduzido em 16 idiomas, de 46 países, citado em sambas, marchas de carnaval, poemas, peças de teatro, romances. Em 2013, o projeto “Vida por Escrito” – organização, classificação, e preparação do inventário do arquivo de Carolina Maria de Jesus – foi contemplado com o prêmio de Funardes de Artes Negras, sendo lançado o portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. O portal reúne informações sobre a vida e a obra da autora (Cf. <https://www.vidaporescrito.com/>).

Um dos momentos mais fortes de sua narrativa é aquele em que ela precisa assumir fazer parte desse mundo obscuro, invisível como a sociedade fazia questão de apontar.

Carolina vai tecendo a história do Brasil, os processos do racismo, as diferenças sociais e de classe. É um relato vivo, em carne viva, das políticas do país dos anos 50 e 60 e o que impressiona é a capacidade de viver e tornar esse relato vivo, embora não preciso enquanto narrativa histórica:

[...] saí e fui no empório. Comprei arroz, café e sabão. Depois fui no Açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa olhou-me com um olhar descontente.

Tem banha? – Não tem. – Tem carne? – Não tem. Entrou um japonês e perguntou: – Tem banha? Ela esperou eu sair para dizer-lhe: – Tem. Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária! (JESUS, 1963, p.127-128).

Na narrativa, o amor se mistura ao sofrimento, a dor se mistura à esperança e o querer se mistura à vontade de desistir. Vive nos impasses, nas contradições. A simplicidade de Carolina se altera conforme os momentos que lhe são proporcionados em uma vida atribulada como um bumerangue: um leva e traz de emoções. Ao mesmo tempo em que sente uma dor, logo em seguida sente um contágio com uma inocente alegria de criança. Assim, instaurando-se no inesperado, Carolina se desmonta se (re)inventava se (re)encanta.

Sua narrativa termina em 1º de janeiro de 1960 igualmente como começa: “Levantei sedo e fui buscar água”, talvez como estratégia para dizer de um ciclo que se repete, ou seja, a vida na favela do Canindé segue seu rumo e seu, cotidiano sem muitas alterações e o que sobrevive e não muda são as diferenças. O país crescia sobre tudo a cidade de São Paulo, e a cada dia as favelas se agrumetavam com pessoas miseráveis, e os quartos de despejos cresciam com os mesmos problemas descritos por Carolina.

3 O RECONHECIMENTO DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO AUTORA

Fig. 2. Carolina ao lado de Clarice Lispector.



Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em 25 set. 2018.

Em uma entrevista, Vera Eunice, filha caçula de Carolina Maria de Jesus, fala do diálogo entre Clarice Lispector e sua mãe:

Quando minha mãe foi apresentada a Clarice, ela ficou meio intimidada e comentou: 'Nossa, você é uma escritora. Quem sou eu perto de você?'. E a Clarice respondeu: 'Posso ser uma grande escritora, mas você é a única que conta a realidade.' (AFONSO, 2018, s/p.)

Quando Carolina fala isso para Clarice Lispector, vemos sua insegurança quanto ao fato de se sentir verdadeiramente escritora. Clarice, contudo, retruca, dizendo que Carolina traz outros elementos para a literatura: o da realidade. Esse efeito de realidade que poderia aproximar Carolina de uma cronista do cotidiano na favela a torna menos autora que Clarice?

A psicóloga Maria Madalena Magnabosco, conterrânea de Carolina Maria de Jesus, desenvolveu uma tese de doutorado sobre a vida da autora, evidenciando sua forte personalidade, conforme explica em entrevista a Vinícius Andrade: "Ela exercia um papel de denúncia e não guardava resposta para depois. Era uma pessoa que estava o tempo todo denunciando algumas questões e, isso, provavelmente, fazia com que algumas pessoas não gostassem tanto dela" (ANDRADE, 2017, s/p). Conforme relata ao jornalista, Magnabosco decidiu estudar sobre a vida da escritora porque não se conformava com o fato da própria cidade de Sacramento não reconhecer o valor desta grande mulher: "Meu objetivo era

devolver Carolina a Sacramento, porque ela foi muito discriminada, assim como sua família. Meu intuito era fazer com que a própria cidade reconhecesse os erros que cometeu em relação a Carolina de Jesus” (ANDRADE, 2017, s/p). Hoje, porém, o município do Alto Paranaíba possui até escolas com o nome da escritora e realiza eventos para lembrar a importância da ex-moradora ilustre.

Ao analisar a obra de Carolina, Magnabosco discute o imaginário falocêntrico que tradicionalmente desqualifica a mulher e vê com desdém e resistência a mulher que assume o papel de escritora:

Curiosamente gendrada pelo masculino o corpo-corpus textual feminino não reconhecido é considerado um verbo mal-dito. Desse imaginário perverso, porque androcêntrico e totalitário, surge uma concepção das mulheres sem companheiros fixos e escritoras como seres demoníacos e histéricos. (MAGNABOSCO, 2003, p. 1)

Sob essa perspectiva, Carolina surpreende como escritora num cenário nacional em que poucas mulheres alcançavam o direito à autoria e reconhecimento social, ainda mais considerando sua classe social de origem, sua ascendência negra:

Tendo o poder da escrita e contando apenas com o segundo ano primário, apesar de sua pobreza, apesar de ser mulher negra e escrever, sendo a única na favela a possuir o dom, ela incomodou os ditames literários ao transformar dores e exclusões que a deformavam e, textos literários que adquiriam um contorno não permitido a uma mulher. Como uma Medéia, Carolina desacomodou conceitos e pré-conceitos pela palavra com seu poder de denúncia, resistência, crítica e possibilidade de criação de outras performances nas relações literárias e de gênero/raça. Escrever *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi uma maneira com que humanizou a vida, o corpo e saiu da condição de bárbara, de estrangeira humanizou a vida, o corpo e saiu da condição de bárbara, de estrangeira da e na vida de Sacramento a São Paulo. (MAGNABOSCO, 2003, p. 4)

O que se pode perceber, na narrativa de *Quarto de Despejo* é que Carolina Maria de Jesus teve um longo caminho percorrido por um grupo que luta por seus direitos dentro da sociedade que emerge da economia escravocrata e falocêntrico e que ainda hoje ecoa nos discursos de preconceito que emergem de candidatos à Presidência da República que atacam mulheres, negros e pobres ou nas práticas de extermínio contra moradores negros em favelas e periferias do país. As questões que envolvem a negritude para uns são complexas e, talvez seja essa uma da razão para o reconhecimento da literatura da autora. Mesmo em situações adversas, denuncia sua condição, trazendo em pauta a questão do que é ser negra e periférica.

Cultura negra é uma denominação genérica para todo tipo de manifestação cultural relacionada com as diferentes formas de resistência da população

negra contra o racismo. A ideia de identidade negra, por sua vez, não diz respeito a uma forma de vida específica ou a alguma referência estética particular. Trata-se de uma alusão a um tipo de consciência política, qual seja, a assunção pública do antirracismo, que pode assumir naturalmente formas culturais muito diversas. (COSTA, 2006, p. 145)

Para Ronaldo Sales Júnior, “a ‘dignidade’ e a ‘honra’, ou o ‘status’ de uma pessoa ou grupo refere-se à medida de estima social que é concedida conforme uma hierarquia social de valores no interior de uma tradição cultural de uma comunidade” (SALES JÚNIOR, 2009, p.148). Não se pode, assim, negar o desprestígio dos grupos considerados minoritários, compreendidos como tal em função das hierarquizações que constroem um indisfarçável apartheid social no país. De acordo com Lopes e Werneck, o sentido de dignidade “amplia as construções acerca dos direitos humanos, agrega aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, convoca as sociedades a reconhecer demandas pela efetivação de direitos que se realizam tanto individual quanto coletivamente” (LOPES e WERNCK, 2009, p. 17). No caso de Carolina, essa dignidade vai ser acenada com sua assunção como escritora, ainda que não represente uma mudança tão substancial do ponto de vista de ascensão social.

Para Jacques D’ Adesky, a busca por dignidade remete a dois níveis de patamares:

O primeiro é o reconhecimento da dignidade própria a todo ser humano, que se confunde em nível individual, com a dignidade do cidadão. O segundo é o reconhecimento da dignidade de grupo, que passa pelo reconhecimento da igualdade de valor da cultura afro-brasileira diante da cultura ocidental e pela valorização da história da luta do negro. É o nível coletivo. (D’ ADESKY, 2005, p. 156 – 157)

Mesmo grandes nomes das literaturas africanas de língua portuguesa, por exemplo, são escritores brancos, como o caso de Mia Couto, Luandino, Antônio Jacinto, Pepetela, Nadine Gordimer. Muitos deles, inclusive, têm formação europeia, geralmente em Lisboa. Carolina Maria de Jesus emerge, pois, como uma grande exceção a uma zona masculina e branca. Quanto a essa discriminação a escritora reflete sobre a cor da pele e a educação dos nortes americanos.

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não se conheceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da natureza. Deus criou todas as raças na mesma época.se criasse os negros depois dos brancos, ia os brancos podiam resolver-se. (JESUS1963, p.108)

Carolina faz então uma literatura negra? Essa denominação vai ser conferida apenas pela cor da pele do autor? Só os negros de pele negra podem fazer uma literatura negra de verdade? E se o escritor for negro ou mestiço, mas não tratar das questões que envolvem a

negritude e o povo negro (como é o caso de Machado de Assis, geralmente desprezado pelos movimentos negros)?

Cuti, escritor e militante negro, em seu livro *Literatura negro-brasileira*, expressa o ponto de vista de que a cor da pele não basta:

então, além do dado da cor, teria de haver o dado da escrita. Que escrita será essa? Parece-nos que a escrita afro-brasileira ou afrodescendente tenderia a se diferenciar da escrita negro-brasileira em algum ponto. O ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais as experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto!” (CUTI, 2000, p. 38-9.)

Embora as mulheres como um todo tenham ganhado mais espaço no mercado de trabalho, é necessário lembrar que a situação não é a mesma para mulheres brancas e negras. Bentes ressalta essa diferença ao afirmar que “pessoas brancas têm tido prioridade em todos os setores da vida social, inclusive as que estão na camada de baixa renda” (2009, p. 69). Ferréz nos diz que o processo de mediação se realiza na utilização da linguagem, dos excluídos, uma manifestação linguística na escrita possuidora de uma aproximação muito profunda com a linguagem falada: “A própria linguagem margeando e não os da margem, marginalizando e não os marginalizados, rocha na areia do capitalismo” (FERRÉZ, 2005, p. 9), pois é por meio dela que o mundo desses indivíduos será desvendado em sua real forma. É a linguagem que trabalha para que sejam apresentadas as divergências sociais, e é por meio da evidenciação das diversidades de linguagens que esses escritores conseguem constituir suas literaturas engajadas, estando, dessa maneira, em integrado com aquilo que é produzido pela própria realidade. Carolina evoca uma oralidade de matriz africana que valoriza e dá poder à palavra. A oralidade como sistema de pensamento e linguagem é a forma como se fala. A literatura afro-brasileira trabalha nessas duas perspectivas, tem uma vinculação com essa oralidade de matriz ancestral africana e tem relação com essa linguagem falada, das manifestações ligadas ao negro na cultura brasileira.

O tal Orlando Lopes passou na minha rua. Ele disse que tudo que eu falo dele as mulheres lhe contam. São umas s idiotas. Eu querendo defende-las, porque há ladrões de todas espécies. Mas elas não compreendem. (JESUS, 1963, p.154)

A narrativa de Carolina Maria de Jesus que se destaca enxuta, direta, seca, também destaca um olhar de rivalidade mesmo quando o assunto é somada à capacidade de discurso em defesa da questão de gênero, sobretudo pela criação de imagens e pela metaforização da

linguagem se misturam a ironia, a antítese, o paradoxo, a metáfora como recursos utilizados e recorrentes para a construção da sua escritura: “A noite tépida o céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (JESUS, 1963, p.30). Conforme Afrânio Coutinho,

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. (COUTINHO, 1978, p. 9-10)

Os anos 60 se diferenciaram por suas culturas populares, e Carolina Maria de Jesus se destacou, inovando a escrita, e promovendo uma literatura fora do padrão popular urbano da elite da época. Mas qual seria padrão cultural da obra de Carolina? O olhar apurado de quem está acostumada a olhar para o lixo e ver valor, ou de quem procurava catar as luzes distantes das estrelas quando todos ao seu redor já estavam de olhos fechados. Um simples olhar que Carolina lançava ao seu redor se traduzia no desconforto frente à miséria da humanidade. Escrever é, então, um ato de insubordinação.

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaço cultural diferenciados por espaços dos lugares ocupados da cultura da elite, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua. Caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada (EVARISTO, 2007, p.21)

Carolina reconhece sua própria situação e vê na escrita a possibilidade de sair da miséria marginal que a imobilizava. Seu discurso tinha características ideológicas, que a ajudaram na prática a superar os conflitos existentes na favela. Sua escrita contém formações de dois anos de estudo por isso podemos dizer que contém erros gramaticais, ou marcas de oralidade que não a impediram de escrever. Carolina faz a literatura possível, com os recursos que lhe eram apresentados é de acordo com o contexto que lhe eram disponíveis:

Em primeiro lugar seu escrito como manifestação cultural. Seus erros gramaticais, em constante com a difícil explicação do seu vocabulário, representam facetas que fundem na necessidade expressiva a afetação de quem vê a literatura como pode. (MEIHY *in* JESUS, 1963, p.91)

O real papel escrito por Carolina traz impresso a transformação de si mesma que se multiplica: pela criação do seu cotidiano. A escrita fez com que Carolina se tornasse objeto de

reflexão, sujeito das próprias ações, pessoa, personagem, vítima e escritora. Carolina, em seu diário, constrói, exemplarmente, sua condição de vítima, não enquanto objeto passivo de uma violência social sofrida, mas como vitimização agentiva, aquilo que dá inteligibilidade a seu sofrimento (SARTI, 2011). Sua escrita, portanto, é uma espécie de revide ao mundo, agora, apresentado sob sua perspectiva. Esse é o seu modo de estabelecer o nexo entre “violência estrutural, agência e sofrimento social” (PUSSETTI; BRAZZABENI, 2011, p. 469).

A literatura afro-brasileira é um campo fértil para reflexões sobre a condição do negro e sua representação nas artes. Há ainda um vasto campo de pesquisa de uma literatura organizada pelo Quilombo hoje, que publica os *Cadernos Negros*, grupo de escritores que teve como motivação maior para iniciar seus trabalhos o processo de independência das colônias africanas de língua portuguesa e as greves e movimentos estudantis no Brasil, pois procurava relacionar a literatura e motivação sócio-política. Atualmente o cenário mais fértil para a produção da literatura afro-brasileira tem sido o movimento de literatura marginal que surge como alternativa ao sistema editorial existente, pois se opõe ao cânone e é veiculada à margem do mercado editorial tradicional. Essa literatura também dá ao negro o papel de agente principal na sua história. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus tinha consciência de seu papel na formação do contexto literário.

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido
é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos
como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele.
Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 1963, p.147)

Quis saber o que eu escrevi. Eu disse ser o meu diário.
- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros. (JESUS, 1963, p. 23)

... Sentei ao sol para escrever. A filha da Sílvia, uma menina de seus anos, passava e
dizia:
- Está escrevendo, negra fidida! (JESUS, 1963, p. 24)

Há uma mudança de paradigma e o intuito é, portanto, sair do anonimato e se conceber como aquele que tem voz e fala e não aquele de quem se fala, ou seja, deixar de ser objeto para ser sujeito. A força de Carolina Maria de Jesus está na literatura. Ela poderia ter usado sua miséria como garras para sair da pobreza, mas seu objetivo era viver a cada segundo e contribuir com a literatura a situação na qual vive o pobre na terra.

Denise Lima louva Carolina Maria de Jesus:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida discutindo os problemas que a concernem; religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (*apud* Lobo, 2007, p. 266)

Carolina em seu manifesto expressa o desejo de não mais existência de vozes que se permitem calar, de não mais ser diferente em desigualdade social. Ela politicamente demonstra a realidade de uma luta diária, de uma comunidade que, se quer tinha direito, apenas deveres, e obrigações. Carolina usa da ironia para se referir à política.

Aqui todos imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. (...) quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 1963, p. 19)

Ela não foi apenas uma escritora que altera os significados das palavras, mas uma autora que altera as funções dos significados das palavras. Deixando em memória no passado, e no presente as múltiplas possibilidades de efeitos que elas causam na sociedade.

Carolina deixa também expressa em palavras a força, a aptidão, e a representação de resistência em palavras. Ela abriu caminhos e revelou características que levam a superação, as descobertas de significados de empodera-se das palavras essas considerações pensadas por Carolina fizeram com que ela tomasse para si o próprio destino. A legitimidade da escrita do diário foi feita para interagir com o leitor o que nos leva a crer que:

Carolina foi pioneira do estilo, mas caiu no ostracismo. Conforme Dantas (2012), ela se transformou em artigo de consumo que as pessoas queriam ver e conhecer quase como algo curioso e que, por isso mesmo, com o tempo perdeu a graça. Não seria reconhecido seu texto como uma verdadeira literatura, mas como um exercício imprevisto, uma escritura improvável, a comover pela força da realidade que as páginas evocam, não pela qualidade literária mesma. Apesar de passado o tempo da curiosidade, Carolina ainda conquista leitores e o mundo. E o que pode a literatura?

Como tudo em sua vida, chegar a publicar não foi fácil. Ela escreve sobre a rejeição sofrida numa das tentativas:

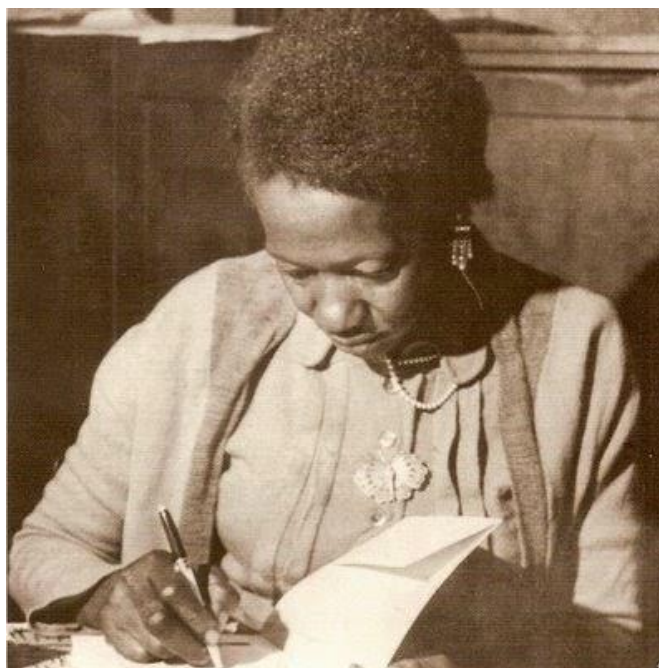
... Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolve os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra. (JESUS, 1963, p. 135)

Numa passagem de seu diário, Carolina traz o diálogo com os operários que reconheciam o poder de sua escrita:

Quando eu passava na Avenida Tiradentes, uns operários que saíam da fábrica disseram-me:
- Carolina, já que você gosta de escrever, instiga o povo para adotar outro regime. (JESUS, 1963, p. 100)

A literatura pode mudar o regime? A política está na escrita de Carolina, na crítica aos políticos, na sanção negativa que faz ao desprezo ante os sujeitos da periferia, nas falsas promessas. Carolina é, então, porta-voz dos que querem a mudança e acreditam que a literatura possa ser lugar de resistência e denúncia.

Fig. 3: Foto de Carolina Maria de Jesus autografando (sem autor e data)



Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em 25 set. 2018

Neste capítulo, analisaremos o modo como Carolina se enuncia como autora no seu texto. Para isso, mobilizamos a semiótica discursiva, privilegiando seus estudos sobre a enunciação na perspectiva benvenistiana (FIORIN, 1996, 2017; BENVENISTE, 1989).

A semiótica se constitui como uma teoria da significação, investigando o modo como um texto, concebido como uma totalidade de sentido, produz sentido. Interessa-se por dizer o que o texto diz, mas principalmente por descrever o modo como faz para dizer o que diz ou, em outras palavras, os efeitos de sentido produzidos por um enunciador mediante as escolhas de elementos linguísticos que acolhe.

Para analisar o plano de conteúdo de um texto, a semiótica concebe um percurso gerativo de sentido, que prevê crescentes patamares de abstração, constituído pelos níveis fundamental, narrativo e discursivo, cada qual organizado a partir de uma sintaxe e uma semântica. O nível fundamental é o mais simples e abstrato enquanto o discursivo é o mais complexo e concreto. A enunciação, na semiótica, diz respeito à sintaxe do nível discursivo, compreendo as escolhas de pessoa (actorialização), tempo (temporalização) e espaço (espacialização) e as relações entre enunciador (autor, locutor) e enunciatário (leitor, interlocutor). Para a semiótica, todas as escolhas da enunciação têm caráter persuasivo e visam, portanto, à adesão do outro ao que se diz. Em função das projeções cartoriais, temporais e espaciais, os enunciados produzem efeito de subjetividade ou objetividade,

aproximação ou distanciamento, verdade ou ficção. Na figura 4, reproduzimos os níveis de abstração do percurso gerativo de sentido e situamos o lugar da enunciação, correspondente à discursivização, ou a passagem da imanência (estruturas semio-narrativas) à manifestação (estruturas discursivas), do sistema ao uso, da estrutura ao acontecimento da linguagem:

A enunciação é a instância de mediação entre essas estruturas e as dos discursos; ela é o lugar do exercício da competência semiótica, constituída das estruturas semio-narrativas. Ao mesmo tempo, é a instância de instauração do sujeito da enunciação, que opera num tempo, o agora, e num espaço, o aqui (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 276)

Fig. 4: Esquema do percurso gerativo de sentido

| PERCURSO GERATIVO | | | |
|-----------------------------|---|---------------------------------|------------------------------------|
| | componente sintático | | componente semântico |
| Estruturas semio-narrativas | nível profundo | SINTAXE FUNDAMENTAL | SEMÂNTICA FUNDAMENTAL |
| | nível de superfície | SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE | SEMÂNTICA NARRATIVA |
| Estruturas discursivas | SINTAXE DISCURSIVA | | SEMÂNTICA DISCURSIVA |
| | Discursivização actorialização / temporalização / espacialização | | Tematização Figurativização |

Fonte: (GREIMAS e COURTÈS, 1989, p. 209)

A enunciação é, para Benveniste, o ato de produção do enunciado, correspondendo ao “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Não se confundindo com o enunciado (o texto, produto da enunciação), deve ser considerada “como fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Ainda conforme o linguista, ao enunciar, o sujeito se e como centro do discurso (eu), que define o lugar de onde se fala (aqui) e o momento em que enuncia (agora). O locutor é, nesse sentido, “parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Ao mesmo tempo, a enunciação deve ser pensada necessariamente em termos dialógicos,

na medida em que necessariamente está em cena “a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginário, individual o coletivo” (BENVENISTE, 1989, p. 87). Dizer, nesse caso, é sempre convocar um outro, orientar-se para esse outro, ainda que não necessariamente explicitamente evocado e presentificado no enunciado, como um nome, por exemplo. Ainda para o autor, mesmo o monólogo se organiza sob a lógica de um diálogo interiorizado:

Inversamente o “monólogo” procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O “monólogo” é um diálogo interiorizado, formulado em “linguagem interior”, entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar: o eu ouvinte permanece, entretanto, presente: sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor. (BENVENISTE, 1989, p.87-89)

Nesses termos, interessa-nos pensar dois aspectos no trabalho de Carolina Maria de Jesus: num primeiro, as escolhas que remetem à enunciação e aos efeitos de sentido produzidos; num segundo, o modo como a presença do outro é enunciada figurativamente, isto é, citada, convocada, como leitor a quem se dirige.

4.1 As marcas da subjetividade

Inicialmente, consideremos que o próprio gênero diário convoca a escolha por uma escrita em primeira pessoa (eu), que só pode dizer *eu* pressupondo um *tu*, ainda que, como num monólogo, se trate de uma divisão de um eu interior (um eu que escreve para um eu que lê e responde): “Eu cansei de escrever, adormeci” (JESUS 1963, p.129).

Quando Carolina mobiliza a primeira pessoa, coloca-se como enunciador e locutor que fala para um enunciatário/alocutário que pode ser ela própria, registrando para si mesma as agruras vividas, a urgência do registro, o tempo dedicado à escritura, mas também a um tu, esse que almeja, ao visar o reconhecimento de seu estatuto de autora, a que tem leitores.

Dessa forma, ela cria uma relação de enunciação com as condições da escrita na qual se coloca na fala o “eu” como se tivessem um “tu” ouvinte e esse um “tu” se coloca como se tivesse um “você” que é um portador de voz direcionado a si própria, à espera do outro possível. Carolina se coloca como locutor e alocutário simultaneamente presentes na narrativa estabelecendo a partir da enunciação as condições que a fazem agente do discurso de suas escritas.

Essa escolha da enunciação, denominada pela semiótica discursiva como *debreagem actancial enunciativa* (FIORIN, 1996), produz efeito de aproximação e subjetividade. É como

se o produto aproximasse o leitor de uma carnalidade, de emoções e afetos que um eu (que diz eu) enuncia. Aproximamo-nos, na condição de leitores, de angústias e dissabores desse narrador Carolina, de sua ira diante das vizinhas que brigam com os filhos, de sua indignação com os políticos. Aproximamo-nos dos seus “estados de alma”, seguindo uma enunciação apaixonada (BERTRAND, 2003), aquela que deixa marcas das suas alterações de espírito, passando por diferentes estados passionais, da monotonia ao entusiasmo, da tristeza à alegria. Muitos registros traduzem a rotina, a sequência das ações triviais, de um enunciador exausto, maquinalmente registrando as pequenezas de uma vida de previsível sem sabor, mas outros trazem a emoção à flor da pele, seja por paixões eufóricas (alegria, amor, esperança) ou disfônicas (raiva, tristeza, desesperança).

Ao mesmo tempo, sua escrita traz elementos de quem assume uma consciência de falar e se colocar no lugar do ouvinte: “Agora eu vou na casa da Dona Julita trabalhar para ela” (JESUS, 1963, p.36). Nessa, como em outras passagens, é como se pedisse licença ao leitor para justificar porque interrompe suas escritas - tinha que trabalhar, não poderia continuar o diálogo iniciado. Esse modo de dizer vai produzindo efeito de cumplicidade.

Vemos ainda a própria reflexão sobre o ato de escrever: “Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos (JESUS, 1963, p.161). Nesse caso, parecer antecipar-se ao possível desgosto a ser causado nos leitores. Quem gostaria de ler sobre tristezas e lamentos? Quem se interessaria por ler sobre a miséria e a fome? Que mundo frequenta o universo do que se denomina como literário?

Tanto pelo modo como apresenta os assuntos quanto pela introdução do tu na narrativa, deixa claro que tem intenção e consciência de que escreve (e dialoga) com o outro, que não são os seus vizinhos, mas sim um leitor que idealiza. Seus companheiros de pobreza são o referente, rendem assunto para sua narrativa, não se interessam pela literatura, julgam-na exibida ao ostentar livros e gosto por escrever, mas assume que fala também por eles, como porta-voz: “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para sobreviver. Mas quem manifesta o que é sofre é só eu. e faço isto em prol dos outros” (JESUS, 1963, p.32). A escrita não é, portanto, apenas para si, mas para fazer ouvir a voz dos que não encontram meios para poder dizer.

Carolina enuncia em suas escritas os fatos que lhe aborrecem deixa claro que os faz para registrar o que de fato acontece na favela, e quais são os públicos que ela deseja alcançar. Ciente da sua contribuição ao próximo desabafa: “Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos” (JESUS, 1963, p.48).

O modo como Carolina vê o mundo e suas significações de sentido, não são os mesmos para seus vizinhos. No entanto os vizinhos se fazem presente como objeto da escrita da autora, que projeta sua atenção no outro para constituir sua narrativa. Seus vizinhos e tudo ao seu redor marcam a obra da autora. Em alguns casos, porém, essas vozes do outro ressoam, pelo uso do discurso direto, denominado em semiótica como debreagem de segundo grau.

Comecei a escrever o que observava daquela aglomeração. O Senhor Zurza viu-me escrevendo. Porque eu sou alta e estava toda de vermelho. Fui falar-lhe. Perguntei-lhe: quem é o Senhor? Ô gente! Eu sou o Zuza! A Senhora nunca ouviu falar do Zuza? Pois o Zuza sou eu! Com que finalidade o senhor faz esta festa? _ faço esta festa para o povo. _ Eu vou pôr o senhor no jornal. _ Você pode me colocar onde você quiser... (JESUS, 1963, p.61)

O percurso que a autora descreve no diálogo acima nos leva a crer que ela se coloca no discurso e ao mesmo tempo invoca uma voz narrativa de negação e desconfiança em relação às intenções da finalidade do evento que está sendo realizado. Não é que Carolina veja o evento como sendo algo negativo, mas é o fato de como ela constrói em tempo real um diálogo e um discurso demonstrando as razões que a levaram a agir como se em caráter investigativo. Precisa saber de tudo para poder ser tradutora fiel.

Em muitas passagens, Carolina estabelece uma espécie de diálogo, convocando o enunciatário pressuposto e discutindo, como na passagem a seguir, a própria escritura, justificando suas escolhas na narrativa:

Já faz tanto tempo que estou no mundo que estou enjoando de viver. Também com a fome que eu passo quem é que pode viver contente?... Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia. (JESUS, 1963, p.110)

Nesse caso, temos o outro explicitamente convocado, como que acompanhando o passo a passo de uma escritura em processo, companheiro que a segue pelas lidas do dia.

Mas há ainda outros aspectos a considerar do ponto de vista da enunciação e que dizem respeito ao caráter persuasivo, do fazer crer. Ao recorrer ao discurso direto, ao nomear os vizinhos, personagens de sua narrativa, ao marcar o tempo, registrando as datas e a sucessão dos dias, ao elencar nomes de políticos de seu tempo, Carolina produz efeito de verdade para o que diz: tratar-se-ia de sujeitos reais, vivendo a vida real. Encontramos, então, como efeito de suas escolhas enunciativas, a imagem do que seria o sofrimento real, a indignação real, e é esse efeito de dura realidade, traduzido de dentro da favela por um locutor que se constitui como legítimo – aquele que sabe o que diz porque vive o que diz – que certamente responde ainda hoje em grande parte pela repercussão de sua obra. São, portanto, bem-sucedidas suas escolhas enunciativas, como o próprio gênero que acolhe tendo em vista

os propósitos depreendidos. Ainda que a linguagem seja sempre recriação, narrativa, o efeito é de tradução, a que se soma o caráter figurativo do texto, isto é, o modo como concretiza pessoas e espaços, descrevendo-os como seres reais, reverberando suas vozes.

4.2 Escritora porque também lê

Carolina Maria de Jesus vai demonstrando um fazer consciente de quem incorpora fórmulas da narrativa, adquiridas pela leitura. Esse enunciador que emerge do diário tem consciência de sua escrita, empoderando-se como escritora, ao mesmo tempo em que a escrita a fez empoderar-se como sujeito. Tudo parece motivo para que se dedicasse à leitura e à produção escrita e a opção pelo gênero diário anuncia a regularidade e a determinação com que o faz.

Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair, fui catar papel, mas estava cansada indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa em casa era 22,30. liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 1963, p. 22)

Na passagem acima, vemos os dois movimentos que se alternam, enquanto luta pela sobrevivência. O livro é então apreciado pelo texto que encerra, mas também como objeto de cultura a que presta uma forma de culto.

Ocupa um lugar e uma voz não previstos pelo sistema. Ler em seu contexto de excluídos é ser estranho, o que a faz alvo de crítica por parte dos vizinhos, sendo vista como uma espécie de inimiga, uma impostora, que não tem lugar também ali:

Hoje eu estou lendo. E li o crime do Deputado de Recife, Nei Maranhão [...] Li o jornal para as mulheres elas ficaram revoltadas e começaram a chingar. (JESUS, 1963, p. 54)

Devido aos préstimos de sua mãe, Carolina conseguiu estudar no Colégio Alan Kardec, em Sacramento, com bolsa cedida por Maria Leite Monteiro de Barros – uma das freguesas de sua genitora. Mas pôde apenas fazer a primeira e segunda série do Ensino Fundamental, tendo assim o privilégio de vivenciar os dois lados da sociedade, aquele ao qual que pertencia e aquele ao qual queria pertencer. Carolina Maria de Jesus então escreve para denunciar a favela e para sair dela, passar para o outro lado. O trabalho não desviava o foco principal da escritura: “Enquanto as panelas ferviam eu escrevia um pouco” (JESUS, 1963, p.16). Nas letras de um samba de B. Lobo, gravado pela artista Ruth Amaral, em 1983, vemos a narrativa de sua redenção: Carolina sai da favela para adentrar num outro espaço, o da

literatura.

Quarto de Despejo
 Nas folhas brancas que do lixo recolhia
 Ela escrevia o drama de sua gente
 Sua própria história de tristeza
 E a pobreza de todo aquele ambiente
 Deus satisfaz o seu desejo
 Do teu “Quarto de despejo”
 Viu seu dia de ventura
 Hoje todo mundo fala nela
 Não mora mais na favela
 “Mora na literatura” (*Apud* MIRANDA, 2013, p. 29)

Nos anos 50, no Brasil, vivia-se os governos de Juscelino Kubitschek (1955-1960) que, em linha gerais, fomentou o processo de industrialização nacional pela substituição de importações (iniciado por Getúlio Vargas em 1954); pela abertura ao capital externo para investimento; pelo planejamento estratégico (JK eleito em 1955.); pela construção de uma infraestrutura como rodovias, hidroelétricas, aeroportos. Foi uma época de “50 anos em 5”. Um dos símbolos maiores deste processo de modernização foi a construção de Brasília, nova capital do país inaugurada no início dos anos 60. Nesse contexto, aqueles que moravam no campo se sentiram atraídos pelo sonho de prosperidade na cidade grande, o qual não se realizava na realidade. Tal movimento levou os espaços urbanos a abrigarem uma quantidade cada vez maior de miseráveis, crescendo, portanto, o número de favelas. E essas questões passaram a ocupar posição central no debate político da época. “Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom” (JESUS, 1963, p.15).

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. (...) Cuidado, sabiá, para não perder essa gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 1963, p.58)

Do ponto de vista da cultura e do imaginário social, acreditava-se que o Brasil estava a caminho de se tornar uma nação moderna, principalmente ao adotar um padrão de vida ao mesmo tempo muito diferente da vida rural e muito próximo ao modelo consumista do capitalismo norte-americano. Em 1952, Elizabeth II torna-se rainha da Inglaterra. Os meios de comunicação como: o cinema, a televisão e o rádio difundiam-se cada vez mais, sendo fundamental na disseminação de um pensamento nacionalista e da ideologia de um país rumo ao progresso. Momentos esses que ela nos diz “Quando eu era menina meu sonho era ser homem para defender o Brasil” (JESUS, 1963, p.58). Esse fragmento mostra a preocupação de Carolina com a situação do Brasil, como também o machismo que predominava na época.

Que tinha quase sempre o mesmo perfil, homens e em sua maioria brancos.

(...) toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. à vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança a vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer. “Chora criança. A vida é amarga”. (JESUS, 1960, p.32)

O diário de Carolina nos revela que não era somente a fome que revoltava nossa escritora todo assunto que gera em torno da favela e mostrando à preocupação que ela têm em alimentar bem os filhos, mas que para isso ela também precisa assumir a posição de se manter atenta a todo o assunto que gira em torno da favela buscando sempre em seu contexto assuntos que envolvam a linguagem e a metalinguagem, o que nos mostra que Carolina não se prende apenas à prosa, mas que também toda sua escrita e marca de oralidade são marcas que produzem efeito de aproximação com sua realidade. O que a autora nos propõe com sua escrita e uma inovação na qual a sociedade daquela época não estava acostumada. Os relatos trazem a voz de quem vivia dentro do contexto real na qual se propõem a descrever.

Contudo, Carolina Maria de Jesus nos convida a sair da nossa zona de conforto para adentrar na realidade que antes não era descrita nem pelo seu povo afro. A escrita de Carolina é uma colcha de retalhos que aos poucos vai se juntando e tomando formas, e inovadora e nossa faz parte dessa colcha de retalhos se colocando como protagonista de sua própria história. “Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês” (JESUS, 1960, p.151).

Mesmo do ponto de vista gramatical com as escritas fora do padrão Carolina ousou voar bem alto para fora das normas consideradas cultas, e expor de forma literária seus próprios valores e opiniões.

“Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 1963, p.14). Carolina assim se defendia dos ataques que sofria de seus vizinhos, indivíduos que viviam sob as mesmas condições que ela.

Com essa fala Carolina nos diz que mesmo na favela ela tem adversários, que mesmo vivendo em situações como a dela a julgam por ser uma moradora que sabe ler e escrever.

Eu percebo que seu este diário for publicado vai magoar muita gente. Tem pessoas que quando me vê passar saem na janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (JESUS, 1960, p.69)

O enredo é composto, principalmente, por sua família. Ela e seus três filhos: João José,

José Carlos e Vera Eunice. Os quatro moram em um barraco e Carolina luta todos os dias para trazer o que comer para dentro de casa. Há dias em que há fartura, normalmente quando a perua do Centro Espírita passa e doa mantimentos para os que mais necessitam, mas também havia dias em que ela não conseguia nem o dinheiro para o pão.

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. (JESUS, 1963, p. 41)

Mesmo vendo que não tem o poder de mudar o mundo, em dias de chuva e sem ter nada para alimentar os filhos, ela usa o tempo para escrever. Parece que a escrita é o alimento indispensável para sua alma naquele dia. Carolina sabe que não pode mudar o mundo, mas que suas escritas podem ajudar o mundo a se alimentar. A preocupação com o dia que não é propício a ir catar papel para o sustento se torna também a recusa do mundo pelo ato de escrever mais um capítulo de sua história. É através das escritas que Carolina expressa seu ideal, sua busca, seu projeto de vida e de transformação, mesmo tendo que se levantar cedo como de costume não deixa de manusear papel e caneta em seu leito: “escrevi até as 2 horas. Depois fui carregar água” (JESUS 1963, p. 142).

O que podemos perceber é que Carolina usa a escrita como um amuleto da sorte, que faz companhia em todos os lugares. Para alcançar seus objetivos, Carolina recusa dividir ou renunciar o espaço das escritas em um relacionamento que tire o foco naquilo que ela tanto almeja:

[...] um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 1963, p. 44)

Podemos pensar que ela esteja apontando para a impossibilidade de compartilhar leitura, escrita e união afetiva. Nesse sentido, elege como única companhia em seu leito os livros e os cadernos. Nessa passagem, Carolina deixa claro o quanto preza a sua liberdade e a escolha de ser dona de si e dominar seus impulsos.

Para a escritora, um homem em sua vida pode ser visto como uma ameaça, uma vez que a figura masculina pode ser um elemento de dominação capaz de paralisar o seu processo de construção enquanto mulher, mãe e escritora. Não importava se ela teria vantagem em seus relacionamentos amorosos; nada desviava Carolina do sonho de ser escritora. Quando os homens da favela a convidavam para um encontro mais íntimo, Carolina respondia conforme as palavras lhe davam argumento convincentes:

Eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. (JESUS, 1963, p.25)

Carolina assume a condição de viver para escrever e escrever para viver. Esse é um dos vários motivos que ela oferece aos seus pretendentes e ao mundo que traduzia de forma única e singular. Seus discursos também se afirmam quando ela fala não querer ter nenhum vício que a tirasse do foco de escritora: “Eu não bebo porque não gosto e acabou-se. Eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que em álcool” (JESUS, 1963, p.65).

Para Carolina, o dinheiro que conseguia catando papel era o único elemento que a deixava embriagada e que tinha importância dentro e fora da favela. Ela surpreende os moradores da favela com esse argumento demonstrando que, apesar de mulher em uma década desigual, qualquer envolvimento com algo que não fosse a dedicação ao seu diário seria desperdício.

Maria José Motta Viana, em seu livro *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*, aponta alguns motivos que fazem da escrita do diário uma prática recorrente entre as escritoras brasileiras:

a autora nos oferece uma surpreendente demonstração de lucidez e entendimento da ameaça que a escrita da mulher pode representar [...] Em outros termos, Carolina M. de Jesus reconhece que deve ser difícil para o homem ver-se preterido em favor de outro desejo e de outro prazer que não ancore nele, (VIANA, 1995, p. 69)

Isso nos faz refletir e que os elementos que a faziam sujeito de seu próprio destino eram a tinta e o papel, parte de uma representatividade de união estável. Nesse sentido, o casamento não poderia estar dentro de seu mundo na medida em que ela não estava disposta a renunciar a sua escrita. Seus atos e ideais fora de um relacionamento eram percebidos pelos moradores da favela que não entendiam e, por isso mesmo, condenavam seu apego à escrita. Mesmo sem entender, a vizinhança a temia porque ninguém sabia quais seriam as escolhas das palavras ou até mesmo quais seria os outros elementos que alimentariam a autora, temendo o modo como seriam por ela retratados. Carolina se importava com a escolha de seu texto para que quem a lesse migrasse para a aquele lugar: “Tenho de dizer que eu não escrevi nos dias que decorreram porque eu fiquei doente. Vou recapitular o que aconteceu comigo nestes dias. (JESUS, 1963, p.139)

A preocupação em se justificar com público que porventura viesse a ler sua obra revela que Carolina escrevia e deixava seus escritos com a certeza de que o leitor a acompanhava

diariamente. A escolha de quem ou mesmo o que irá retratar em seus textos era marcada pela seleção de escritas de cunho social da sua comunidade:

Eu estava deitada. Eram 5 horas quando a Teresinha e o Euclides começaram a falar. Adalberto! Levanta e vai comprar pinga. O Euclides disse:-Você não vai escrever? Não vai catar papel? Levanta para você escrever a vida dos outros. (JESUS, 1963, p.161)

Ao documentar nos seus cadernos o cotidiano da favela, ao tornar público o que era aparentemente privado, Carolina torna-se para alguns dos moradores como uma “negra metida” que tudo quer saber, e que em tudo mete o nariz. Contudo, mesmo sendo indesejada no ambiente onde vive, é também temida e respeitada. Além disso, todos ficam curiosos para saber se estão no livro, como relata Carolina em um diálogo com uma de suas vizinhas:

- Dona Carolina eu estou nesse livro? Deixa-me ver! - Não, quem vai ler e o senhor Audálio Dantas, que vai publica-lo. É porque que eu estou nisso? -Você está aqui porque naquele dia que o Arnim brigou com você e começou a bater-te você saiu correndo nua para a rua. - O que é que a senhora ganha com isso? (JESUS, 1963, p.126)

Nessa passagem do diálogo, Carolina reitera sua posição de autora, definindo os critérios sobre o que entra ou não em sua obra, os acontecimentos que serão ou não revelados por sua escrita. Revela ainda que seus temas são bem próximos, pois todos se preocupam em saber se suas histórias estão nos manuscritos do diário, dando assim condição de certeza de que a moradora ilustre sabia iria publicá-los e quem irá primeiro ler é o jornalista Audálio Dantas.

A escrita para Carolina Maria de Jesus funciona como uma ferramenta de escape, pois ela deixa bem claro que quer mudar de vida e conta com a publicação do seu livro que vê principalmente como possibilidade de ascensão social. É com o sonho de realizar a publicação do seu livro que ela visualiza a possibilidade de sair do “quarto de despejo” e passar a viver em uma casa de alvenaria, fato que só acontece com a publicação de seu segundo livro.

Às vezes *Quarto de despejo* toma a feição de um livro também de contabilidade, pois ali a autora registra o dinheiro que ganha e como o gasta. Outras vezes a folha de papel em branco é preenchida por um dilema: compro pão ou sabão? Compro macarrão ou gordura? Essas são apenas duas dentre muitas das suas difíceis escolhas. Carolina, mesmo que inconsciente no trajeto de letramento, está engajada em potências além do que a leitura de livros encontrados no lixo. Ela trazia a matemática para o seu texto literário e contabiliza de

forma única a experiências e a capacidade da língua letrada do mundo para praticar de forma exata suas escritas.

A palavra escrita para nossa Carolina parece possuir um caráter indispensável na literatura de testemunho, que funciona como uma droga que, ao mesmo tempo que cura, mata como uma espécie de veneno. Pode funcionar como cura que tem possibilidade de anestesiá-las feridas do dia a dia de nossa autora, servindo para desabafo. A sede desta cura ou até mesmo veneno se manifesta da agonia de ser diferente, de escrever para si e para o leitor. Tudo era motivo para escrever e, conforme cada página, Carolina toma uma dose de cura ou de veneno (o excesso) que a transformam em uma mulher forte com pensamentos muito além do seu tempo. É como se ela usasse a escrita como uma armadura impenetrável.

Conforme Magnabosco, a palavra escrita parece possuir um caráter dúbio nas literaturas de testemunho:

No mundo público, a palavra testemunhal vem denunciando a repressão, a invisibilidade feminina, a violência do gênero sexual e tem requisitado uma transformação sobre essas práticas culturais. No plano pessoal, a palavra tem permitido uma 'cura psicológica' pela recuperação e legitimação, a partir do próprio sujeito, das assertivas de sua vida. (MAGNOBOSCO, 2002, p. 171).

Houve momentos em que Carolina pensou em desistir, porque ficou decepcionada com a covardia de alguns moradores que colocaram fogo em seus papéis, deixando nossa autora muito triste fato, o que interrompeu suas escritas em 1955. Mas, como de costume, Carolina dá justificativas a sua ausência aos seus leitores.

Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perda de tempo eu fiz uma reforma em mim. (JESUS, 1963 p.25)

O ato da escrita e da leitura desempenham um papel transformador para Carolina Maria de Jesus. É através da escrita que ela realiza a fórmula da sua realidade e também a cura processa e reprocessa suas dores e angústias. É na leitura que ela visualiza a sua condição marginal, é através da escrita que ela alcança o sonho de ser escritora. Para Carolina Maria de Jesus escrever é denunciar, era o antídoto de cura de trazer à tona o desejo de uma vida melhor.

Ler era uma forma de acrescentar luz onde tudo é escuro e sem cor. Pensando dessa forma, Carolina nos deixou o seu legado e – pode imaginar-se – em condições melhores. Escrever fazia parte do cotidiano como uma prática constante, uma fórmula de desabafo. A

escritora assume a função de uma síntese, de processo duplo onde ela ler o mundo em que vive e o descrever. *Quarto de despejo* é fruto da leitura e da escrita, de uma autora que tinha dois vícios: escrever e ler.

Verdadeiramente, Carolina Maria de Jesus denunciou as classes de ouvidos frágeis dominante, a realidade buscando sempre dar sentido a sua vida. Suas palavras e seu eu poético fazem de Carolina uma legítima escritora e autora da obra mais vendida na década de 60. A consciência de fala de voz de liderança fizeram da autora uma escritora literária presente dentro do seu próprio contexto, onde a voz alcançou milhares de ouvidos adormecidos a dor do outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escrita, Carolina foi a tinta que pode expressar a voz que era negada a quem vivesse em suas condições. Uma voz que, apesar de todas as dificuldades, preconceito e do insistente esquecimento que se estende a mulheres que persistem como ela, trouxe o legado de uma obra autêntica e importante, mas, sobretudo, humana e verdadeira. Em todo seu trabalho, a escritora deixou marcas de uma visão particular do mundo e de uma sociedade desigual, que pode ter se transformado em parte de sua época para cá, mas que persiste discriminando, isolando e apagando minorias. Mesmo com a denúncia de Carolina Maria de Jesus, a periferia vem sendo o destino de milhões de brasileiros ao longo do tempo e sem assistência do poder público. As soluções são paliativas, os sujeitos são vistos como “incômodo” porque só são percebidos quando incomodam e incomodam quando são vistos. *Quarto de Despejo* foi seu maior sucesso, mesmo assim não é tarefa das mais fáceis encontrá-lo nas livrarias, sendo mais provável que seja encontrado nos sebos.

O livro tem uma linguagem única, onde se colocam na literatura brasileira vozes que visam sair da invisibilidade através da escrita. Embora se diga que sua literatura não tem status de texto literário, sua linguagem periférica e marginal é compreendida, sua atitude pode mudar sua condição e mobilizar uma população antes esquecida. Portanto suas escritas nos levam a pensar diante aos fatos denunciados, pois não só escreveu a verdade, mas deixou na literatura e no mundo da escrita sua marca. Quando acuada, ela ousou trocar o “D” pelo “R”: ao invés de *Desistência* ela mostrou que é possível se empoderar de *Resistência*.

A construção de sentido da obra começa pela pergunta: Quem foi essa mulher capaz de denunciar a miséria? Quem é essa pessoa que fala de si? Ao se projetar como sujeito da enunciação no enunciado a autora se traduz por um modo de dizer único dentro da literatura, tornando-a uma escritora única e universal, capaz de comover leitores não só do Brasil com seu texto. Conforme pretendemos mostrar, o diário comove devido à sensibilidade e singularidade com que conta os acontecimentos que viveu e vivenciou enquanto moradora da favela de Canindé, em São Paulo.

A partir da leitura do livro de Carolina Maria de Jesus, nota-se que tudo o que está contido naquelas páginas é fruto da sua vida sofrida, sem nenhuma maquiagem. O que a obra representa para a literatura é o rompimento com a exclusividade da voz da elite branca, intelectual e rica, o que se fez a causa principal de estranhamentos quando o livro foi lançado. Mas é justamente por essa quebra que o livro enriquece tanto a literatura e virou um marco sobre o assunto. Cabe também a pergunta: por que Carolina escrevia tanto? Porque a leitura e a escrita eram importantes para ela?

Ao ler o diário percebemos que essas perguntas vão sendo respondidas a cada página. Carolina via na escrita e na leitura uma válvula de escape à realidade de fome da pobreza que era sua vida sofrida. A autora via na escrita e na leitura amigos íntimos e inseparáveis do seu cotidiano, indispensáveis como o próprio ar para respirar.

As vozes encontradas nas páginas vindas do lixão não poderiam ficar caladas. A obra de Carolina Maria de Jesus ganhou o mundo sempre com o tema que envolve o povo sofrido, pobre empurrado para a miséria. Denunciava a maneira como a sociedade e, sobretudo, os políticos tratavam e manipulavam a população pobre e, segundo Carolina, o gênero feminino e negro daquele lugar. Se nossa autora não era bem-vista, fez com que a narradora criasse e se recriasse tornando-se uma mulher acreditada e, a seu ver, por isso mesmo “exótica”.

Carolina Maria de Jesus foi a preta do “cabelo iducado” que saiu da favela para dizer que tinha orgulho de sua cor, que levantou a bandeira da negritude ao dizer que, mesmo se tivesse a oportunidade em nascer de novo, queria vir preta. Ela foi os olhos que observavam, as mãos que trabalhavam, os braços fortes que carregavam a filha e o saco pesado pelas ruas de São Paulo em busca de alimentos para o corpo e para a alma. Carolina foi a mulher que lutou por liberdade de expressão, que não se calou, e não se conformou com as injustiças a ela impostas pela sociedade.

Não veio para incomodar, mas para sacudir a literatura com seu diálogo inconfundível e único. Veio deixar sua marca de brilho exótico de um “faz-de-conta que estou sonhando”, mas real. Por isso mesmo, deixou por escrito a fome existencial pela vida, a reflexão sobre o comportamento daqueles que clamam por justiça. Deixa implícito seu lirismo, sua linguagem que passa a nos habitar como um ser personagem do “Quarto de Despejo”.

A autora carregava consigo o universo de compreensão e transformava suas escritas em uma literatura particular que se reflete no outro. Carolina foi a “pedra no meio do caminho” onde os intelectuais preguiçosos foram a obrigados tropeçar. A força de empoderamento da escritora literária que trabalhava e mendigava livros foi uma chacoalhada na consciência na sociedade opressora, em sua maioria branca. Modificou com seu olhar maduro a literatura brasileira, chamou atenção do público com sua voz de força e empoderamento, rompeu como silêncio mostrando a realidade.

Carolina mostrou que as contingências da vida não foram capazes de afastá-la dos caminhos das letras: “Eu ganhei umas tabuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar meus livros” (JESUS,1963, p. 76). Foi seguindo trajetórias datadas de uma vida exaustiva, sua própria vida e, para deixar seu nome na literatura, não se acovardou nem por

um segundo em expor sua vida particular para o leitor. Tudo pela literatura.

Era preciso ser muito valente, ser uma mulher como Carolina para se encaixar na literatura brasileira e ela foi. Carolina se mescla em meio a narrativa, ora narradora, ora personagem, um dos fatos que a fazem ser genial. Representando a si mesma, foi autêntica e fiel aos fatos enunciados por ela, sobre ela e sobre o outro para leitura de outros milhões em todo o país e no mundo.

Há quem a critique, mas não se pode negar que na obra estão contidos o documentário real de uma brasileira que escreveu com carinho a temática da vida de mulheres que se estende até os dias atuais. Carolina tinha razão quando dizia ser poetisa, porque os poetas não precisam andar entre gente fina para ter a firmeza nas palavras como ela.

Pode ter sido silenciada ou até mesmo ridicularizada, mas ninguém teve a coragem e nem força suficiente de ver o mundo e transmiti-lo como ela, que viu a face da fome e “sua cor amarela”. A compreensão de sua obra resiste, a cada nova leitura, produzindo novos sentidos, mas um dos fatos que mais incomodavam Carolina no final da vida foi compreender os motivos que a fizeram alcançar o sucesso e tão rapidamente ser esquecida. Tenho que discordar da autora, pois sua obra sobrevive, ainda encanta, permanecendo eternamente na literatura.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Daniel. **Carolina Maria de Jesus é pauta no programa Conversa com Bial**. Disponível em: <https://www.topuai.com/sacramento/variedades/carolina-maria-de-jesus-e-pauta-no-programa-conversa-com-bial>. Acesso em 02 out. 2018.
- ALMEIDA, Neide A. **Letramento racial: um desafio para todos nós**, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>. Acesso em 16 fev. 2018.
- ANDRADE, Vinícius. **Mulher, negra e favelada: conheça a história de uma das mais importantes escritoras brasileiras**. Disponível em: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/encontro-indica/2017/06/mulher-negra-e-favelada-conheca-a-historia-de-uma-das-mais-important.html>. Acesso em 25 set. 2018.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática,
- BASSANEZI, Carla, **Mulheres dos anos dourados**, in *História das mulheres no Brasil*, Ed. Contexto, Fundação Unesp, São Paulo, 1997. JESUS, Carolina Maria de **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, Círculo do livro, São Paulo, s/d.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempo/Espaço**. In.: **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 115-122. 260p.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica**. In: SCHWARCZ (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, Companhia das Letras, 1998, volume IV.
- BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. **“O personagem negro na literatura brasileira: uma abordagem crítica”**. In: *Educação como prática da diferença* (org. A. ABRAMOWICZ, L.M. BARBOSA e V.R. SILVEIRO). Campinas: Armazém do Ipê, 2006.
- BAHIA, Mariza Ferreira. **O legado de uma linhagem (A literatura memorialística feminina)**. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: Educ., 2003.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura. Reportagem. Disponível em: www.cnfp.ler.asp?IDSecao=2&IDTemplate=marrom.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Euclides de. **Os Sertões**: Disponível em: <http://www.euclidesdacunha.org.br>. Acesso em: 10 julho. 2018.

CUTI (Luiz Silva) Trincheira. In: **Quilombohoje** (org.). Cadernos Negros 23: Poemas Afro-Brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2000.

DANTAS, Audálio. em “Nossa irmã Carolina. Apresentação do livro "Quarto de despejo", São Paulo: Francisco Alves, 1960

DANTAS, Audálio. *Da favela para o mundo das letras*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n.48, p.148- 152 10 set., 1960b.

DANTAS, Audálio. **O drama da favela escrito por uma favelada**: Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive. Folha da Noite. São Paulo, ano XXXVII, n.10.885, 9 de maio de 1958.

DANTAS, Audálio. **Retrato da favela no diário de Carolina**. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n.36, p.92–98, 20 jun. 1959

DANTAS, Audálio. **Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Editora Leva, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literafro – Portal de literatura Afrobrasileira**.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. In: Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

DUARTE, Francis Paula Correa. A memória na sala de aula: o gênero diário íntimo e a (re)construção da identidade. **EntreLetras** (Online), v. 7, n. 2, p. 160 – 174, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2998>. Acesso em 16 fev. 2018.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**” In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras; teoria pratica e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Livraria Fator, 1983.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007, p. 25-36. 314p.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FIORIN, José Luiz. **O direito à fala**. São Paulo: Parábola Editorial, 1998.

FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco Savioli. **Lições de texto** – leitura e redação. São Paulo: Editora Ática, 1999.

FIORIN, J. L. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, 2017.

FONSECA, I. B. B. **A Retórica na Grécia: o gênero judiciário**. In: MOSCA, L. L. S. (org.) *Retórica de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanistas, 1997. p. 99-117.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola, 2009.

GULLAR, Ferreira. **Preconceito racial**. In: *Folha ilustrada*, 4 de dezembro de 2011. São Paulo: Folha de São Paulo.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 19-98. 395p. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2006, p. 81-100. 188p.

IANNI, Octavio. **Literatura e consciência**. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. N. 28. São Paulo: USP, 1988.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição Popular, 1963. 160p.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. (Org.). São Paulo: Xamã, 1996. LAURETIS, Teresa de. *Tecnologias de gênero*. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências de impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. MACIEL, Sheila Dias et al. *Termos de Literatura Confessional em discussão*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/numero1/maciel_sheila_e.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. As subjetividades (de)formadoras de (trans.) formadoras de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira**, n. 22, p. 1-9, 2003. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2183/1741>, acesso em 25 set. 2018.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*. Tese. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista da USP**, n. 37, p. 82-91, 1998.

MELO, Cristiane Silva; IVASSHITA, Simone B. **As contribuições** [S.l], [S.d]. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txcompletos/sem02/COLE_4148.pdf>. Acesso em: 20 junho. 2018.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. O campo literário afro-brasileiro e a recepção de Carolina Maria de Jesus. **Estação Literária Londrina**, Vagão-volume 8 parte A, p. 15-24, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25618>. Acesso em 16 fev. 2018.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 2003, 153 f.

MIRANDA, Wander Melo (org.). **Anos de JK: margens da modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado: Rio de Janeiro: Casa de Lúcio costa, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Princípios de empoderamento das mulheres**. Movimento Mulher 360, 2017. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf. Acesso em 06 mar. 2018.

PALMEIRA, Francineide Santos. Escritoras negras e representações de insurgência. **Fazendo gênero 9, diásporas, diversidades, deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278265153_ARQUIVO_FrancineidePalmeiraFG9.pdf. Acesso em 16 fev. 2018.

PASTERNAK, Suzana. **Espaço e população nas favelas de São Paulo**. USP/FAU. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/>. Acesso em: 05 agostos. 2018.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. Da negritude à literatura afro-brasileira: um olhar histórico-crítico. **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional**, 08 a 12 de julho de 2013, UEPB – Campina Grande, PB. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434459413.pdf. Acesso em 16 fev. 2018.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PROENÇA FILHO, Comício. **A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos Avançados**, São Paulo, nº 18, 2004.

Revista Práticas de Linguagem. v. 1, n. 2, jul./dez. 2011- 118 – - 119 Contemporânea, Companhia das Letras, 1998, volume IV.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1994. (Col. Repensando a Geografia). P.7

SOUZA, Ana Lucia Silva. O educador, a educação e a construção de uma autoestima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 179-194.

SARTI, C. A. A vítima como figura contemporânea. Caderno CRH, v. 24, p. 51-61, 2011.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

TOKITA, Márcia Figueiredo. Mulheres negras. **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”** 10 a 13 set. 2013, p. 120 – 133. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v9_marcia_GVII.pdf. Acesso em 16 fev. 2018.

TRINDADE. Solano. **Canto dos Palmares**. In: Cantares do meu povo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem** Jomtien, 1990. Brasília, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/> ->. Acesso em: 22 junho. 2018.

WERNECK, Jurema (Org.). **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e políticas públicas no Brasil**. Disponível em: http://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/livro_mulheresnegras_1_.pdf. Acesso em 16 fev. 2018.

PUSSETTI, C.; BRAZZABENI, M. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. Etnográfica, v. 15, n. 3, p. 467-478, jun. 2011.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.